

A ALMA DO MUNDO: UM TEMA RECORRENTE NA FILOSOFIA GREGA

Constança Marcondes CESAR
Instituto de Filosofia-PUCAMP

Quando, por volta de 300 a.C. o cipriota Zenon fundou em Atenas uma escola na *Stoa Poikilé*, começou a se estruturar um filosofia que ressoou durante os séculos seguintes, difundindo no mundo antigo alguns aspectos da mais requintada tradição grega.

A física dos filósofos estóicos constituiu um dos eixos de sua reflexão. Sua fonte mais antiga é o pensamento de Heráclito, da qual retoma a noção dos logos como energia viva, que impulsiona o mundo e o homem. Todos os seres pertencem a um mesmo cosmos, manifestando uma mesma energia eterna, razão que ordena a natureza, alma do mundo¹.

Esta alma do mundo, inteligente, racional e providente, é uma sopro de fogo, que perpassa tudo. Por isso, tudo está em conexão, há simpatia universal e a natureza é um todo harmônico, em perpétua mutação².

A alma do mundo é Deus, providência, logos, um fogo artista, sopro ígneo, inteligência cósmica que arquiteta a ordem, destino e lei do mundo. É imperecível, nas mutações do universo³.

As provas da existência de Deus são várias; para os estóicos, a possibilidade mesma da adivinhação e da profecia implica a inexistência de uma razão ordenadora⁴ reconhecível também na escala de perfeições dos seres⁵, na regularidade do movimento do mundo⁶, na beleza dos cosmos, que por si levam a supor uma causa desta ordem, perfeição e beleza. Tal causa não pode provir do homem, porque este, embora seja o melhor de todos os viventes, não é totalmente perfeito. Sendo superior ao homem, o mundo deve ser racional, vivo, inteligente, e engendrar o que no mundo é dotado de razão⁷.

Além disso, os deuses são honrados pelos homens; não se pode honrar o que não existe; logo, os deuses devem existir⁸ (A ingenuidade do argumento não retira seu encanto).

Dado que a pluralidade do mundo é apenas aparente, a simpatia universal tem um alcance não só físico, mas também metafísico.

E o mundo é para os estóicos, um ser vivo, animado e inteligente⁹, a unidade entre o céu e a terra¹⁰, a totalidade dos deuses e dos homens¹¹, a cidade comum aos homens e aos deuses¹², a totalidade da natureza enquanto contém e produz o universo¹³, a ordem dos astros, a qualidade própria da substância do universo¹⁴, Deus enquanto “fogo artista”, divindade ordenadora, arquiteto da ordem e da vida universal, nos seus ciclos periódicos, no seu ritmo de nascimento e dissolução pelo fogo, em intervalos regulares¹⁵.

Assim, Deus, Logos, Natureza e Destino são sinônimos, porque o Destino testemunha a providência e a causalidade divinas em ação,¹⁶ o laço sagrado que une entre si todos os seres, o princípio que harmoniza os contrários¹⁷.

A alma do mundo se confunde com o Destino, lei universal e providência, poder espiritual que governa o universo, força que move o mundo, a natureza enquanto força, a causa imanente originária e impessoal que a rege¹⁸.

Sucedendo imediatamente ao neo-platonismo e a Plotino, nos estóicos certamente repercurte a filosofia ascética e o panteísmo desta escola. Na física estóica, *natureza e vida* são sinônimos, seguindo a tradição que vem dos pré-socráticos e de Platão.

No mundo assim concebido, o mal é apenas aparente, pois nada impede a perfeição do todo.¹⁹ A liberdade do homem consiste em reconhecer a ordem cósmica e a sabedoria em aceitar e cooperar com a ordem do universo, expressão do logos, da inteligência cósmica. Agir livremente é agir segundo a razão, o logos que nos habita e do qual participamos, eixo de nossa vida. Há em nós um sopro divino, fogo e logos, princípio ontogenético, uma “*alma ígnea*”.²⁰

O homem e a natureza acham-se submetidos a uma lei que o homem pode reconhecer, nela vendo a solidariedade de todos os seres. Nesta harmonia cósmica, são resolvidas as imperfeições individuais; ser sábio é *compreender a lei desta harmonia, inscrever-se na cosmópolis*, adequar-se à natureza, alcançando a *eudemonia*; é ainda *ser religioso*, obedecendo voluntariamente à alma do mundo que vive em nossa alma e na totalidade do universo; é *aderir ao Destino*²¹.

O encadeamento causal faz com que haja no cosmos um ritmo alternante, que comanda a geração e o retorno cíclico de todos os elementos ao fogo, a perpétua mutação e regeneração do universo, o eterno retorno de tudo à alma.

Resumindo, podemos assinalar os seguintes pontos recorrentes do pensamento de Heráclito entre os estóicos:

- a) o tema do logos, identificado ao fogo
- b) o tema da harmonia dos contrários no todo
- c) o duplo sentido, físico e metafísico, do logos e do fogo.
- d) a identificação do fogo à divindade
- e) o tema da geração e dissolução periódicas do universo, o eterno retorno
- f) o mundo como um ser vivo, animado e inteligente

g) o tema da "alma ígnea" do homem

h) a sabedoria como adesão ao logos.

A recorrência, nos estoícos desses tópicos, não é contudo, mera repetição da filosofia heraclítica, mas reativação de seus eixos fundamentais; é reiteração da unidade entre o céu e a terra, compreensão do universo como "cidade cósmica", reflexão sobre o destino e a lei, ênfase na dimensão moral da ação humana.

O estoicismo recupera, três séculos antes de Cristo, uma ambigüidade fundamental do pensamento grego: a ambigüidade do termo *physis*, que expressa a um tempo o visível e sua contrapartida invisível, o espanto permanente perante a harmonia dos contrários, a aparência enquanto a manifestação de um logos, de um desabrochar, que no desabrochar se desvela.

NOTAS:

- (1) D.L., VII, 132, 135, 139 e também 147, 148; Cícero, *De natura deorum*, II, 11, 14; Plutarco, *Des op. das philos.* I, VI.
- (2) Sêneca, *Quest. nat.*, III.
- (3) D. L., VII, 157; Cícero, *De natura deorum*, II, 22; Estobeu, *Eclo.*, I, 25, 3; Posidonius in Estobeu, *Eclo* I, 58 e 515. Chacidius, in *Tim*, e 294; Aétius, Placide, I, 7, 33, Arnim II, 1027; Cícero, *De fato*, X, 20-22).
- (4) Cícero, *De Divinatione*, II, cap. LXIII; I, cap. LII e cap. XXXIII).
- (5) Sextus Empiricus, *Adv. Mathem.*, IX, 88).
- (6) Cícero, *De natura deorum*, II, 5, Crisipo in Cícero, *De Natura deorum*, II, 6; Sextus Empiricus, *Adv. math.* IX, 111-114, 119-120; Cleanto in Estobeu, *Eclo.*, I, 2, 12.
- (7) Sextus Empiricus, *Adv.math.*, IX, 85, 88, 104; Cícero, *De natura deorum*, II, 5, 11, 14; Crisipo, in Cícero, *De Natura deorum*, II, 6; Cleanto in Estobeu, *Eclo*, I, 2, 12).
- (8) Sextus Empiricus, *Adv. math.*, IX, 133.
- (9)
- (10) D.L., VII, 141.
- (11) Estobeu, *Eclo*. I, 184; Arnoim, II, nº 527.
- (12) Cícero, *De finibus*, III, 19, 63/64.
- (13) D.L., VII, 157.
- (14) D.L., VII, 139.
- (15) D.L., VII, 139, 147, 148, 157; Cícero, *De Natura deorum*, II, 22; Estobeu, *Eclo*, I, 25, 3.
- (16) Cícero, *De fato*, X, 20-22; Estobeu, *Eclo*, I, 515; D.L. VII, 135; Crisipo e Posidônio in D.L., 144.
- (17) Marco Aurélio, VII, 9; Cleandro, *Hino a Zeus*.
- (18) Marco Aurélio, *Pensamento*, IV, 9, 40, actâncio, *De Vera Sapientia*, 9.
- (19) Marco Aurélio, V, 30; Cleanto, *Hino a Zeus*.
- (20) Marco Aurélio, XII, 30; Sêneca, *Questi. nat.*; III; D.L., VII, 147, 148; Cícero, *De Natura deorum*, I, a; Sêneca, *Ep.* 66, 12.
- (21) Cleanto, *Hino a Zeus*.